



Um certo olhar sobre as mulheres. Alguns perfis femininos no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*

*A certain glance over women.
Some feminine profiles in the Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*

LAURA AREIAS
CLEPUL/Universidade de Lisboa



Resumo: A galeria de perfis femininos emergente do ALLB, revela a preponderância de um olhar masculino na apreciação dos seus próprios valores, conveniências, tendências sentimentais e eróticas, que convergem nas mulheres poetizadas. Mais ainda que a vaidade feminina, sobressai o amor de mãe, seja ela a sua própria, ou a Virgem. A santidade, a abnegação, o heroísmo culminam na virtude abonada à Mãe educadora, sem que no entanto, se lhe permita interferir na *intelligentsia*, apanágio da esfera masculina. Pois, de deusas mitológicas, operárias, esposas ingénuas ou campónias espertas, à sensual mulher exótica, aos arrobos de soberanas, tudo é visto como originais curiosidades de Almanaque para entretém de damas e cavalheiros.

Palavras-chave: Olhar masculino; Mulheres; Mãe-Virgem Maria

Abstract: By reading the *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, publish between 1851 and 1932, we may become aware of a few female portraits by the perspective of the male authors. It is a broad gallery: the holy Mary, saints, heroines, virgins, artists, deities, widows or ridiculous spouses, gallant aristocrats or clever peasant women... the exotic type, very appreciated, but above all and more than anyone else, the most perfect and beloved mother. By now I will be engaged with the three first profiles, although they may be very prized, men mostly see them as curiosities of Almanac.

Keywords: Male glance; Women; Mother-Holy Virgin

A minha primeira abordagem do *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*¹ consistiu na organização de um novo índice – a paginação por ordem crescente da “colaboração das Senhoras” – apenas existindo o índice por ordem alfabética, desde o início em 1851, a 1932.² Separámos depois os diversos tipos de passatempos de outros textos em verso e prosa. A escolha deste filão – os perfis femininos, do ponto de vista masculino, representados no *Almanaque* nasceu no realizar da pesquisa, nas reuniões do Projecto “Histórias à prova do tempo” (Projecto CAPS/GRICES).

A leitura infalível dos mais variados textos começou a revelar-me certas constantes ao longo de passante de oitenta anos de vida do livrinho: os tipos e as muitas facetas das variadas mulheres representadas, a sátira do

casamento, a curiosidade pelo exotismo. Em tudo me interessou, sobremaneira, a mulher vista pelo outro – o homem, e o quanto esta perspectiva pode provocar em nós, mulheres, reacções da quase zanga ao sorriso, isto é, uma razoável gama de estados de *humor* – minha área de pesquisa de longa data.

A galeria de perfis femininos traçados a partir de olhares masculinos, portugueses, do continente ou de África, e brasileiros, é muito vasta: mães, virgens, santas, pecadoras, heroínas, rainhas, divindades mitológicas, artistas, pálidas doentinhas, donzelas lindas vivas ou mortas, camponesas astutas ou ludibriadas, sogras; a mulher nos seus atributos mais “caros” aos homens pelos quais eles ainda cuidam e suspiram – a vaidade, tagarelice, artimanha e feitiçaria, desdém, indiferença, a subserviência à moda, alguma candura mas também a perversidade; as graças femininas metaforizadas, substituídas em metonímia pelo retrato ou concentradas em sinédoque nos olhos; esposas de todo o tipo, cada uma com os seus tiques

¹ O *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* é por vezes representado pela sigla ALLB.

² As datas ocorrentes no texto referem-se não à data de composição do *Almanaque* mas ao ano em que ele entraria em vigor.

e toques. A noiva cheia de predicados, passa a ser algum tempo depois de casada, vítima da chacota dos maridos e seus amigos, nas pequenas anedotas que proliferam no *Almanaque*, sobretudo a partir do século XX. A menos que seja uma apetecível viúva rica! E ainda assim... Não é por nada: perscrutar o olhar masculino e sentir como é que ele absorve os nossos reflexos e os rejeita, é uma tarefa quotidiana, caseira, mas intimista, secreta.

Concentrar-me-ei então nos perfis que saltam à primeira vista de uma leitura mais atenta; outros eventualmente e a mais longo prazo se poderão delinear.

A mulher-mãe – frequentemente associada à Virgem-Maria, cuja santidade traz ao *ALLB* a poesia de louvor a santas, virgens, mães heróicas, e outras mulheres de virtude, excepto curandeiras, pitonisas e adivinhas. Actividades muito mal vistas e tidas como enganadoras do povo (com uma excepção masculina, referida em 1871, quem sabe se pelo mérito de ser astrólogo e homem...)

Nas suas múltiplas facetas, a Mãe é objecto/destinatário, porventura o mais frequente no séc. XIX: em 41 volumes que passei em revista, pelo menos 37 textos são-lhe dedicados, apenas mais 2 a Santa Maria Madalena. Em 27 volumes do séc. XX, encontrei 17 às mães, 2 a Madalena. Em Madalena sobrepõe-se uma relação ambígua de mulher-amante e mãe, por ex. ao tomar desta o lugar na *Pietà*, no originalíssimo soneto, quase herético, “Jesus ao colo de Madalena”, de Luís Delfino, brasileiro, do *Almanaque para 1910*:

Jesus ao colo de Magdalena

Jesus expira – o humilde e grande obreiro!
Sobem já, pela cruz acima, escadas,
E nos cravos varados do madeiro
Os malhos batem, cruzam-se as pancadas.

Soluça o pranto em torno... As mãos, primeiro,
Inertes, caem no ar, dependuradas...
Oscila o corpo, verga o torso inteiro
Nos braços das mulheres desgrenhadas.

Soltam-se os pés, aumenta o pranto e a queixa...
Só Magdalena ao ouro da madeira
Limpa-lhe a face, que de manso inclina:

E no meio da lágrima mais linda,
Co’o dedo abrindo a pálpebra divina,
Busca ver se elle a vê, beijando-o ainda.

Maria Imaculada, Mãe de Deus, mãe de um homem novo, é nauta, timoneiro, esperança, *Regina*, Mãe dos pecadores (no *Almanaque para o ano de 1878*), *mater dolorosa* cravada de 7 espadas. A mãe comum exaltada no dia dos seus anos é pomba de amor; educadora e considerada a mais digna responsável pela formação do carácter dos filhos. É anjo da guarda e comparada ao criador (1876); o berço é altar, a luz do seu olhar é mais

bela e pura que a *lux* que Deus ordenou ao criar o mundo (1879). Um filho que perdeu a mãe ou que partiu, emigrante ou exilado, para longes terras, evoca-a comprazendo-se na saudade. Ao modo romântico, os elementos naturais solidarizam-se com o eu lírico e trazem-lhe, no choro da chuva e no gemido do vento, do longe, a voz da Mãe (*Almanaques para 1890 e 1899*).

Ela é cem vezes mais perspicaz que a amante porque o seu amor é inspirado pela santidade (1898). É precisamente por isso que a súplica da viúva da cidade de Naim tem tanto valor aos olhos de Cristo, que este lhe ressuscita o filho jovem acabado de falecer (1899) – embora o autor mais pareça expressar não a compaixão de Cristo pelo rapaz, mas pela mãe a quem devolve “filho, amor, ventura e luz”. Algures a sua generosidade é tal que se entrega totalmente e morre com o filhinho, de fome e de frio num último intuito de o proteger, p. ex., num poema ao gosto exacerbado do ultra-romantismo de fim de século, a que não falta o contraste, logo enunciado, ressaltante das preocupações sociais:

Contraste

*Ao meu prezado cunhado, compadre e amigo,
cónego Procópio Jesus Rufino*

Pobre mãe! Tu vaes morrer!
E o vulgo pouco se importa!
Não sabe quanto é soffrer
Quem a fome não suporta
M.A.H.

Nas vascas da fome, se estorce o filhinho!
Que lúgubre scena! Que quadro de horror!...
A mãe extremosa, com doce carinho,
Exangue se arrasta do leito de dôr!

– “Mãe terna, diz elle, valeime n’est’hora!
“Não mais soffrer posso da fome o terror!”
– “Filhinho socega: não chores que agora

Com o filhinho querido se enlaça amorosa
E assim, abraçados, a vida perderam!
Que quadro, meu deus! Que scena horrorosa!
Sem forças, exangues, de fome morreram!!...
...

Enquanto no albergue d’aqueles infelizes
O luto, a miséria e a dor se encontravam,
Defronte, – altanados, fagueiros, felizes, –
N’um rico palácio, os grandes bailavam!

1888 – agosto
Elpidio de Oliveira Martins
(Minas do Rio de Contas – Bahia)

Finalmente refiro a graciosidade das lendas populares em que a Virgem se serve de animais, desde leões a escaravelhos, como seus intermediários com os homens, sendo também modelo de sabedoria e justiça. Sobressai

em todas as composições o amor e um carácter generoso e nobre. Amor tão grande que até as feras o partilham e respeitam por instinto. O tema é tratado com gravidade, seriedade, suavidade. Poucas vezes a lenda ou a pequena anedota fazem sorrir, a menos que se trate de mães menos convencionais. Em 1917, dois “inocentes” garotos trocam inocentemente informações sobre com quem as mães respectivas “ajustam contas” – e é a sátira ao domínio da autoridade matriarcal sobre a patriarcal. Mas o gracejo com base num trocadilho entre finanças e comportamento (uma das mães ajusta as contas com a criada, a outra com o papá) tem como destinatário o adulto que não vê nele a mãe, que é sempre santa, mas uma briga doméstica, o marido vítima da mulher autoritária com a arma da dona de casa em riste: o rolo de alisar a massa, ao tempo do *Almanaque*, obviamente. Graciosa é também a lenda de como a Mãe de São Pedro foi parar ao Purgatório. Por causa da sua avareza e “santa cólera” o filho não conseguiu chegar com ela ao Céu deixando-a a vogar no espaço sideral. Para além destes textos em prosa, ou de curtos “pensamentos numa frase sentenciosa e lapidar” a maioria é constituída por textos poéticos: a forma lírica adequa-se ao expressar de um sentimento filial, religioso, ou de exaltação mística – em soneto ou formas estróficas variadas. Sempre “maviosos” versos rimados, mesmo depois da erupção do Modernismo. Muitas vezes sente-se neles a sonoridade da ladainha, da oração, uma glosa da Salve Rainha.

A nobreza de carácter da mulher-Mãe-Virgem Maria abre caminho ao perfil seguinte: Rainhas – a nobreza de nascimento, mas já nem sempre de carácter. O grande número de textos dedicados a estas mulheres no século XIX, com a extinção da monarquia terá diminuído de interesse e consequentemente em quantidade, nos seus trinta e dois anos de vida no séc. XX. Diferentemente do perfil da Mãe/Virgem Maria, com as rainhas, e mais ainda com as heroínas, há que contar a história “exemplar”, humana, individual, localizada num tempo e num espaço. No entanto, o que prevalece aqui é a celebridade do seu nome: Catarina de Médicis, Cristina da Suécia, a rainha Vitória dos ingleses, Tereza de Áustria, a africana Ginga, até Agripina, mãe do imperador Nero, não esquecendo cidades rainhas como Veneza. Assim as suas virtudes ou vícios passam para o plano de singularidades – apenas curiosidades de almanaque, sem datas ou mais rigores.

Catarina é inclemente e supersticiosa (o que lhe vale um relato de quantas tentativas inglórias fez para contrariar o vaticínio de que morreria ao pé de São Germano – topónimo ou igreja dedicada ao santo); Cristina dissipadora e orgulhosa, mas tem a prudência de não querer casar pois dela “tanto poderia nascer um Augusto como um Nero” – abdica do trono aos 27 anos,

troca o protestantismo pelo catolicismo, Estocolmo por Roma, para aí se dar ao fausto e às artes, sob a protecção do papa Alexandre VII. A santidade de Isabel mulher de D. Dinis, o ciúme de Maria de Aragão; a astúcia de Isabel a Católica; o luxo de Isabel I de Inglaterra; a varonilidade de Maria Stuart; a clemência de D^a Luiza de Gusmão mulher de João IV; a modéstia da czarina Natalia mãe de Pedro, o Grande, da Rússia; a grandeza de coração e generosidade da imperatriz Maria Tereza de Áustria; os dotes de espírito “mais europeus que bárbaros” da rainha Ginga que a tornarão uma digna D. Ana de Sousa por baptismo – tomam proporções enormes por partirem também de individualidades que se podiam permiti-las. A de Médicis permite a matança dos protestantes na noite de São Bartolomeu; Elisabeth de Windsor possui centenas de vestidos bordados a ouro, enquanto a sua rival Maria da Escócia é vítima “viril” de quantas maquinações são capazes os seus inimigos ingleses, presa durante tantos anos apesar de todos os seus títulos; esposas de reis de Aragão estrangulam rivais. Um dito de Alexandre Dumas (1895) “no tempo de Luís XIII amavam-se as mulheres como rainhas, e as rainhas como divindades” explica que Isabel de França, mulher de Filipe IV de Espanha, de tal modo inflamou o coração do Duque de Medina, a ponto de este ter provocado um incêndio no seu próprio palácio, durante um baile que em honra daquela tinha dado, só para a ter nos braços e poder salvá-la... e eventualmente arrebata-la ao marido. A mulher do nosso magnânimo D. João V, Maria Ana de Áustria suportou com digna liberalidade as infidelidades do rei – “ai se as paredes de Odivelas falassem!” lê-se no *Almanaque*. Mas não falam. Tampouco de benesses. Nem a generalidade dos biógrafos, unicamente de um filho gerado com Madre Paula, José de Bragança. Mas também no antigo convento do Campo de Santa Clara em Lisboa, destruído no terramoto de 1755, o rei deixou um rasto de sofrimento. Para ali desterrada pelo monarca, D. Filipa de Noronha, uma mulher nobre, foi esquecida e vilipendiada pelas falsas promessas reais de amor e casamento. O *Almanaque para 1909* publica na íntegra uma pungente carta sua em que protesta contra a injúria, afronta, ingratidão e desterro que o rei a fez padecer e pede-lhe unicamente permissão para morrer no convento em que Santa Teresa de Jesus tinha expirado, o Carmelo em Alba de Tormes.

O casamento plebeu do Czar que procurava uma esposa simples e modesta, ou a visita esmoler da imperatriz austríaca a casa de uma paupérrima velhinha de 108 anos, singularizam o “exemplo” pela diferença social que, não o deixando prever, a sua realidade agiganta o gesto de quem o pratica – não só nobre de nascimento, aqui também de carácter. Rainhas de outros continentes têm algum fascínio sobre os sucessivos editores do *Almanaque*. É

o caso da historieta intitulada “Fato esplêndido”, em que os costumes exóticos em confronto com os europeus provocam satisfação aos homens e vergonha às mulheres. Lê-se no *Almanaque para 1867*, a página 207:

Um viajante voltava de uma excursão às terras ainda desconhecidas da Oceania. O príncipe e a princesa do seu país querem vê-lo, e falar-lhe. Interrogam-n’o, ele conta as maravilhas que viu, perguntam-lhe se não trouxe algumas memórias das suas viagens, responde que trouxe um fato completo de rainha, e que no dia seguinte terá a honra de o oferecer a sua alteza real.

No dia seguinte aparece com um colar de pérolas magníficas.

A princesa põe-n’o ao pescoço, mira-o ao espelho, e, voltando-se para o viajante, pede-lhe o resto.

– O resto de quê, minha senhora?

– O resto do vestuário.

– Perdão, minha senhora; o vestuário de rainha em que falava consistia só nisso!

Conta a crónica que a princesa tirou logo o collar de pérolas, fazendo-se muito corada.

De facto não é só o estatuto social de mulheres de outras paragens que inebria estes homens. Pretas, morenas, mulatas, chinesas, japonesas, indianas exercem sobre ele fascínio do sexo a ponto de o senhor Cordeiro da Matta, das margens do Rio Quanza desejar ter um harém de 100 *quissamas* como uma de 15 anos que avistou em manhã fria (1891). Na maioria são os olhos negros que matam, mas a sensualidade é apercebida nos panos que mais descobrem que escondem “lácteos pomos”, na dança de um corpo tentador em lúbricos requebros, até ao êxtase mais completo em que Venceslau de Moraes descreve a mulher japonesa, a *musumé* do belo cabelo preso em asa de corvo, da boca de cereja, ao pé nu, uma graciosidade toda feita para agradar, “um corpo grácil para melhor ser apetecido” (1897). Nunca a mulher exótica de casta, ou serviçal ou vendedeira é almejada como esposa. Antes de vir a sê-lo, há arrependimentos, mas é de todas a mais desejada, arrebatadamente. E só isso.

De novo as europeias, e passando a nobres e ilustres, desde Lady Godiva que inspira um soneto em 1916, por pequenas histórias sobre o *esprit* de condessas e marquesas, pelo recorde de uma portuguesa que foi a pé até Roma para ver o papa, noticiado em 1932, chegamos às mulheres excepcionais que passaram à História com o risco ou o sacrifício da própria vida – o perfil das heroínas.

São de todos os tempos e lugares, as mártires do Cristianismo ou da pátria, como Joana d’Arc (1892), até desconhecidas nobres ou plebeias, que se celebrizaram

localmente em batalhas ou cercos, nos mares, ou numa dimensão mais familiar: nas estâncias em que defenderam os seus, de escravos que pretendiam fazer justiça, “revoltados”, diz o *Almanaque*. O heroísmo feminino no séc. XIX e ainda no séc. XX é o reconhecimento da passagem temporária da mulher para a esfera do homem – e neste ponto estou a citar Valnice Duarte Galvão e a mim própria. E só assim, pois certamente não se tolerava que uma mulher vestisse a armadura por profissão, isto é, que vestisse a pele de homem. Marlene Dietrich exhibe-se na película *Marocco*, provocando escândalo pela sua postura masculina, e já estamos em 1930. Posso admitir que os campos dos sexos eram tão definidos que o editor do respectivo *Almanaque*, comprometido com a opinião social e católica do Reino, toma Joana d’Arc como uma pequena camponesa alucinada que imaginou ter visto o anjo São Miguel descendo e encarregando-a de uma missão divina ou “ela a acreditava como tal”, apesar de não lhe negar coragem, valentia e a libertação da pátria. Mas há também a diabólica Ulasta, guerreira polaca que vingou uma traição de amor com a morte, numa só noite, dos maridos e irmãos do seu exército de mulheres, coadjuvada pelas próprias a quem conseguiu inspirar implacável ódio. Reconhecendo o sucesso da empresa destas mulheres que, apostadas em derrubar o governo varão da Polónia, chegaram a derrotar as tropas do duque ao serviço de quem estiveram, diz sarcasticamente o *Almanaque para 1873* que “era a raiva auxiliando a emancipação feminina”!

Finalmente, o maior roubo que a mulher ousou fazer à esfera do homem: o papado. É uma área exclusivamente masculina, no topo de uma hierarquia, à escala mundial. O *Almanaque* vem, em 1852 e 1894, em dois textos intitulados “A papisa Joana”, primeiro admitir para logo em seguida desmentir veementemente e acusar os protestantes, da lenda que corria há mil anos sobre a sua existência. Que tenha sido uma inglesa ilustrada em Atenas que, disfarçada, a todos ultrapassava nas discussões teológicas e por isso mesmo eleita papa por unanimidade e desmascarada em trabalho de parto durante a procissão entre duas Igrejas... No entanto o editor transcreve Platino, bibliotecário do Vaticano, dizendo este que ainda no seu tempo, evitavam os papas tal trajecto por horror a pisar o chão do delito dessa mulher! Questiono-me eu: despeito pela sabedoria, inteligência e heróica audácia feminina?

As mulheres do povo merecem, no *Almanaque*, o elogio da sua alegria, saúde, graças e diligência. Nas criadas de servir, graceja-se da sua esperteza com que levam à palma as patroas. Em tudo isto gastam páginas autores portugueses e brasileiros, mais descritivos que líricos, e os próprios editores, os quais têm relevo na selecção de desenhos, reprodução de fotografias ou pinturas.

Vendedeiras, tricanas, lavadeiras, varinas, fiandeiras, pastoras, camponesas, trabalhadoras domésticas e emigrantes, quase todas fotografadas em pose, séria, com o melhor dos seus “trajes tradicionais”. Mas também as há, captadas em plena faina, em grupo as lavadeiras, aos pares, ou isoladas abraçadas à vassoura.

Em geral, a mulher trabalhadora é a camponesa ou a varina, o seu meio o campo ou o mar. Quando encontrada no cenário da cidade – as lavadeiras saloias com a trouxa de roupa, ou as vendedeiras de canastra à cabeça – há nelas uma liberdade de gestos, de risos, do pé descalço, que lhes é exclusiva. Um pouco como o pé desnudo da *musumé*, pequenino, branco, sensual, é a nudez de ambos, o ser capaz de se desamarrar do sapato, que desperta no homem os sentidos e o desafia. Tocado pela admiração, a que não é alheia certa inveja, o scalabitano José Osório a lembrar o Cesário Verde do “Nós”, faz, em 1925, no poema “Rústica” o elogio da simplicidade, da pobreza, da saúde enérgica, uma nova vida vigorosa, forte, ardente, gerada nos ares puros da aldeia a que regressa em visita. Revela-se essa nostalgia na saudação aos simples que “santamente, vivem felizes naquele canto de terra até à morte” do “trabalho honesto”, como a sua condição humilde fosse uma dádiva bendita de Deus, sem lugar para contestações, nem reivindicações nem desalentos. A moçoila ou mocetona é roliça, linda e feliz, entretida com as galinhas. Não há cheiros a poçilga, nem a capoeira, nem a suor. Esta poesia não cheira, é liricamente inodora, perpassa de cor e de sol... Não chega a ser a áurea mediania dos clássicos intelectuais – é apenas a mediania almejada poeticamente pelos tuberculosos do Romantismo de *fin de siècle*. São os que vêm de fora, que dizem sentir lama na alma e horror pela vida da cidade, mas não trocam os seus “salões dourados”.

No trabalho feminino os autores vêm brio, robustez e pitoresco, como se a doença, o cansaço, a necessidade ou até a saudade não lhes tocasse. Talvez advenha disso a figuração das graciosas tricanas, varinas, beiroas, até uma ceifeira de Carnaval, em bonitos trajes, de mantilha traçada, como para um retrato de feira.

Caso raro: a nudez. Não uma nudez exibida, mas apercebida como no episódio bíblico “Susana e os Velhos” que podia ter inspirado o poema. Uma ninfa camponesa vai, ao raiar do sol, banhar-se nas águas do rio. O poeta alude a Vénus pelas formas e pelo Eros, por quanto erótico é o olhar lúbrico masculino do espreitador – metonimicamente transmutado no sensual sol incandescente. No séc. XXI, supomos, pela nacionalidade brasileira do seu autor, um pernambucano, um banho de índias coevas do Caramuru ou do Macunaíma.

Apenas porque as águas abundavam e a temperatura era propícia. Nada mais natural!

Não faltam àquelas operárias – ainda que a designação pareça desadequada do quadro apresentado – as leituras masculinas da sensualidade e do desejo, no trabalho ou no lazer. É natural que as rapariguinhas se aperaltem para ir à romaria do santo. Vão elegantes, com o seu ouro, de olhos estonteadores, lábios ardentes, cores sadias, talhe esvelto, cada uma com a sua cantiga fresca na boca, para a sua santa. Vão para bailar, despertar desejos – de um beijo que se rouba, de um braço que se apalpa – ouvir juras de amor, ajustar casamento. “A feira é esperada por todos a quem o coração já segreda a palavra Amor!” Conclui o senhor António de Jesus e Silva, de Minde, em 1918.

O Amor tem um lugar algo considerável no quadro rústico oitocentista português. Não associado à mulher casada ou a ligações sólidas e duradouras, mas como uma manifestação de Cupido: nas mulheres no estádio de predisposição, procura e entrega; pelo lado da mira e alvo masculinos, na concupiscência do olhar e dos outros sentidos. Mas só o casamento em promessa ou efectivado, salda as contas. E também mudará as faces do jogo, irremediavelmente...

As obreiras representadas no ALLB, “tipos” da sociedade portuguesa do final do séc. XIX a princípios do séc. XX, à maneira de Gil Vicente no Auto da Barca do Inferno, são definidos pelos instrumentos de trabalho, indumentária e nalguns casos pela linguagem – veja-se o pregão das varinas “*Ai!... que rica sardinha, meninas! Quem a quer biba, bibinha!*” (ALLB para 1906,18/9). São os emigrantes que melhor parecem corresponder à sua condição, sem no entanto deixarem o estereótipo. Na reprodução do quadro *O Último olhar a Inglaterra*, do autor inglês Ford Madox Brown (1912), é a escolha do pormenor que pretendo pôr em relevo. Uma mulher em primeiro plano, ao lado do companheiro cabisbaixo, expressa toda a carga emotiva descrita pelo nosso editor “olhos parados, prescrutantes, como que um remorso de abandonar a terra em que nasceram e amaram e uma tímida e vaga esperança no novo continente [...] olhar terrível de incerteza, pena e afoite”.

Como referi no início deste trabalho, as pitonisas, benzedeadas, cartomantes, bruxas e pitonisas são talvez o único tipo de mulheres absolutamente intoleráveis aos senhores do ALLB. Acusam-nas de burlas, de fomentarem a estupidez supersticiosa, de receberem dinheiro por uma atividade ilícita e impostora. O senhor Fernando Ventura, em 1921 insurge-se que no séc. XX, século das luzes, ainda se façam rezas absurdas para “curar” ou para “excomungar” que revelam o atraso do país. Por outro lado em 1930 o Sr. Santos, de Lisboa, parece divertir-se contando uma historietta em que uma cartomante é burlada por um cliente mais sagaz do que ela. São também as únicas cujo ganho se refere e o trabalho como forma

de sustento para si e para as famílias, como forma de independência, ainda que incipiente, da tutela masculina, do pai ou do marido. Fala-se de preferência e muito, do aspecto físico que em geral é agradável, dos dotes como trabalhadora, da beleza, robustez e da sua alegria. Mas nunca do salário, de uma jorna, do pagamento. Parecem figuras de folclore.

Mães, rainhas, heroínas, mulheres exóticas, a mulher do povo, a mulher trabalhadora – alguns dos perfis femininos que os homens nos traçaram, para o bem e para o mal, no nosso *Almanaque*.

Referências

AREIAS, Laura. Na ilha de Itaparica quando as mulheres eram guerreiras e heróis. In: *Faces de Eva*, Edições Colibri/ Universidade Nova de Lisboa, n. 6, p. 85-95, 2001.

DIWO, Jean. *Les violons du roi*. Paris: Editions Denöel, 1990.

GALVÃO, Walnice Nogueira. *Gatos de outro saco*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

Recebido: 10 de março de 2011
Aprovado: 03 de abril de 2011
Contato: lauraareias@hotmail.com